

ARQUITETURA CENOGRÁFICA E O PAPEL DO ARQUITETO¹

Maria Eduarda Breda²
Profª Drª Rosana Lia Ravache³

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o que vem a ser a arquitetura cenográfica, e como ela une duas grandes áreas, a arquitetura e a cenografia, a fim de criar ambientes que encantem os espectadores, retratando cenas lúdicas e fascinantes onde há uma interação entre o autor de um enredo e o público. Aborda também a importância do arquiteto nessa especialização e como a arquitetura cenográfica é pouco abordada nos cursos de arquitetura, por mais que ela venha se expandindo.

Palavras-Chave: arquitetura cenográfica, cenas lúdicas, especialização.

Abstract:

The present work aims to present what is scenographic architecture, and how it unites two large areas, architecture and scenography, in order to create environments that enchant viewers portraying playful and fascinating scenes where there is an interaction between the author of a plot and the audience. It also addresses the importance of the architect in this specialization and how scenic architecture is rarely addressed in architecture courses, however much it has been expanding.

Keywords: scenographic architecture, playful and fascinating scenes, specialization.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho foi feita uma análise da arquitetura cenográfica e o papel do arquiteto neste cenário.

O fato deste segmento ser pouco conhecido pelo grande público e não ser abordado durante a graduação de Arquitetura e Urbanismo, o estudante fica praticamente sem escolhas para uma pós-graduação na área.

Utilizando o método de pesquisa descritiva e de opinião, e buscou valorizar a importância da arquitetura cenográfica para a sociedade por meio de um breve histórico com a sugestão de áreas nas quais o arquiteto pudesse atuar.

1 Artigo apresentado ao Univag – Centro Universitário, como parte dos requisitos da disciplina de Investigação Científica em 2020/1

2 Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do Univag Centro Universitário – E-mail madubreda@hotmail.com>

3 Professora Orientadora Doutora em Geografia Urbana – Docente do Univag Centro Universitário – E-mail rosanaravache@gmail.com

A estratégia adotada foi a pesquisa por meios eletrônicos, considerando a grande quantidade de informações sobre o setor, literatura específica da área e contato com autores e profissionais que operam nos diversos campos da cenografia.

É sabido que a arquitetura é a arte de projetar espaços e que, por isto mesmo, abre um grande leque de opções para que o arquiteto se especialize.

Por isto, utilizando pesquisas bibliográficas e eletrônicas, além de visões de alguns autores como Cohen, Hamburger e Mantovani, que apresentam diferentes conceitos de arquitetura cenográfica, o objetivo aqui é apresentar o que é a arquitetura cenográfica e sua importância para a sociedade, bem como o papel do arquiteto e as áreas nas quais este profissional pode atuar, conforme a demanda do mercado de trabalho.

Se a arquitetura é a arte de projetar espaços, nela também se abre um grande leque de opções para que o arquiteto escolha em que pretende se especializar. Por isto, se apresentará um breve histórico da cenografia, mostrando como a arquitetura e a cenografia podem trabalhar juntas com reflexos altamente positivos no mercado de trabalho.

1. CENOGRAFIA

De acordo com Mantovani (1989), a cenografia é uma composição em espaço tridimensional que se define como o lugar teatral e designa o lugar teatral como o lugar onde se estabelece a relação cena/público, utilizando elementos como cor, luz, som.

Rodrigues (2008) define a cenografia como uma manifestação espacial que se encontra no meio do caminho entre a arquitetura e a arte, e Cohen (2007) completa ao dizer que a cenografia, como qualquer atividade artística, exprime um conjunto de ideias e emoções relativas ou pessoais.

Com isso é possível afirmar que através de elementos artísticos são criados espaços tridimensionais compostos por personagens cheios de significado, com o objetivo de transmitir uma mensagem ao público.

A cenografia existe desde o espetáculo teatral da Grécia Antiga e, mesmo com as transformações, que ocorreram através dos tempos ela preserva sua origem na palavra grega *skénegraphein*, (*skéne*, cena, *graphein*, colorir, desenhar), termo utilizado para designar os traços de perspectiva do espaço teatral. Ela foi se desenvolvendo junto com o

edifício teatral ao longo das décadas e, em meados do Séc. XX, a linguagem cenográfica começa a se deslocar para outras áreas de atuação, como cinema e televisão, onde foi possível criar efeitos que eram impossíveis no teatro.

Hamburger (2004) afirma que a cenografia cinematográfica tem características próprias, porque o espaço cênico é mutante, na medida em que amplia as relações espaciais e seus significados, diferente do teatro onde o espectador tem um ponto fixo da cena e, geralmente, longe.

A cenografia tanto no cinema quanto na televisão solicita do arquiteto cenográfico um olhar conceitual atento, que se entende aos pequenos detalhes que compõem o cenário de fundo, e remete o espectador ao lúdico abstrato, passando para as cenas, a sensação que deseja transmitir. Hoje é considerada um ato criativo, aliado a conhecimento de técnicas e teorias específicas que têm o objetivo de organizar o lugar teatral e nele se estabelecer uma relação entre cena e público (figura 1).

Figura 1: Cenografia de palco no Tomorrowland.



Fonte: Pinterest.

Cohen (2007) afirma que, outros tipos de comunicação associados ao marketing comercial tornam-se mais evidentes no cotidiano ao se apropriarem da linguagem cenográfica para vender suas ideias, assim como se expandem, cada vez mais, para os estandes, desfiles de moda, vitrines, eventos e festas.

Os estandes são os espaços de exposição de produtos ou serviços que compõem as grandes feiras de negócios (figura 2). São eventos planejados para a divulgação e exibição de novidades e lançamentos nas áreas de produção de bens e serviços, isto é, iniciativas essencialmente comerciais e setORIZADAS, dirigidas a um público específico. Portanto, a empresa que participa de uma feira de negócios através da contratação de um estande, o faz buscando investir na manutenção da sua imagem institucional tanto junto ao seu público já constituído, quanto na expectativa de ampliar o leque de potenciais novos clientes e assim divulgar a sua marca.

A operação de produção do espaço do estande implica na identificação do público alvo, na qualificação dos objetivos da comunicação pretendida pelo cliente e, conseqüentemente, na elaboração desta mensagem através de um projeto cenográfico. O tamanho do espaço adquirido e a sua localização na planta da feira, assim como o período de duração são as informações iniciais na orientação de um projeto. As soluções a serem adotadas para a exposição mais eficaz de um produto ou serviço implicam inicialmente no impacto visual que o estande desperta no visitante-passante, em meio a um ambiente também ocupado pela concorrência, espaço onde todos têm por objetivo apresentar a mensagem mais atraente e confiável.

Figura 2: Cenografia em estandes.



Fonte: Pinterest.

Inscrita como atividade econômica no mercado de bens de consumo, a moda se utiliza das estratégias da linguagem cenográfica para implementar sua operação de vendas, no sentido de fazer chegar seus produtos até o consumidor final.

À parte das qualidades técnicas como a manufatura de boa qualidade ou a tecnologia dos materiais empregados, a moda na sociedade contemporânea é, antes de tudo, um conceito, é um estado de espírito, uma atitude, pois envolve o público pelo que tem de arrojado e moderno, e vende pelo que tem de sedutor, com a promessa de múltiplas personas que oferece, como um legítimo objeto do desejo.

Estas são características absolutamente subjetivas que ganham concretude no momento do desfile, ao serem comunicadas para uma plateia. Ao adentrar numa sala de desfile o público é convidado a ‘deixar’ o cotidiano e ‘ingressar’ em um novo espaço, um mundo utópico, repleto de ineditismo e pronto a oferecer experiências extraordinárias.

Figura 3: Cenografia nos desfiles de moda.

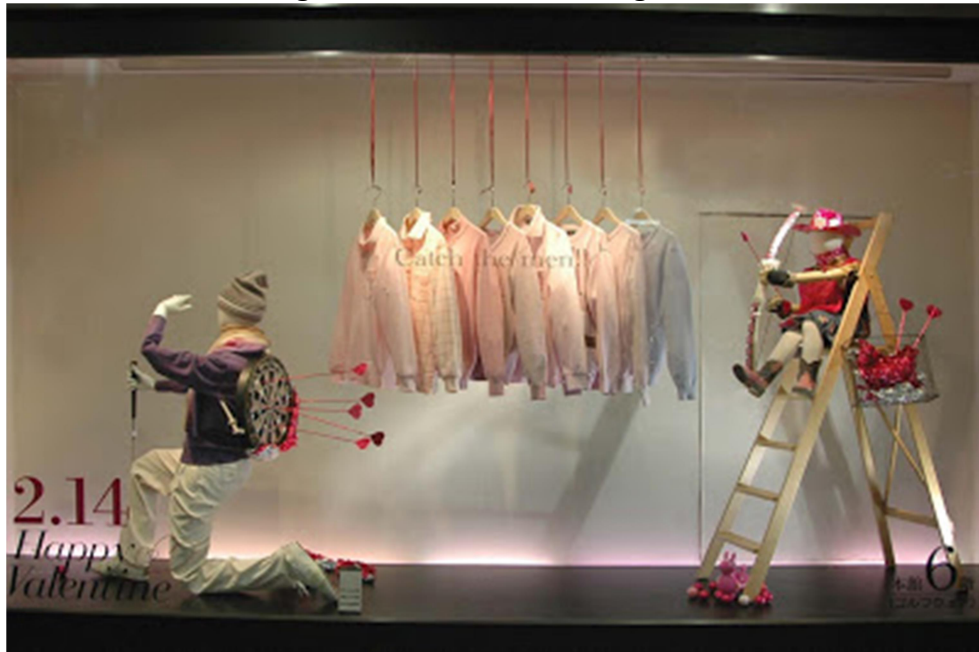


Fonte: Pinterest

Já as vitrines (figura 4) devem ser entendidas como ferramentas de informação, na construção do capital simbólico de uma marca - com os modos e estilos de vida a ela

agregados - conferindo identidade às empresas. Toda a vitrine é um suporte para diversos textos que vão dialogar com o consumidor.

Figura 4: Vitrines com cenografia.



Fonte: Pinterest.

Através de narrativas de caráter simbólico, são produzidas encenações inusitadas, sensuais e lúdicas, com a finalidade exclusiva de estimular o consumo dos produtos expostos, sejam eles em feiras de negócios, em shopping centers ou no comércio de rua.

Tal qual a moda, que lida com conceitos subjetivos para comunicar suas mensagens, também a vitrine se utiliza de estratégias da prática cenográfica para consolidar as suas instalações (figura 4).

O universo de eventos e festas, dentre as categorias de cenografia para espaços comerciais, é o que possui o caráter mais efêmero e o apelo mais mercantil (figura 5). Nestes casos as demandas de projeto implicam em soluções cenográficas de caráter operacional em detrimento das questões visuais, que muitas vezes são resolvidas com efeitos de iluminação e sonorização. O sucesso destas empreitadas está diretamente relacionado com o envolvimento das plateias que muitas vezes se caracterizam como formadores de opinião e lançadores de tendências e modismos.

Figura 5: Cenografia presente em festa de 15 anos.



Fonte: Pinterest.

Cohen (data) completa que apesar do Brasil possuir uma deficiência de formação de nível técnico e superior para quem deseja ingressar nesse mercado de trabalho, a área continua em expansão e essa expansão se torna compreensível, visto que a cenografia possui qualidades de representação da realidade e dos sonhos. Diante disso, fica clara a necessidade do conhecimento da cenografia, suas áreas de atuação e seus elementos.

2. O ARQUITETO NA ARQUITETURA CENOGRÁFICA

A arquitetura já foi considerada um ramo mais próximo das belas artes, quando se ocupava mais com a expressividade do arquiteto e menos com a funcionalidade para o usuário. Hoje, o processo se inverte. A tendência é os arquitetos compreenderem as necessidades e desejos do cliente, para então projetar e edificar. Arquitetura, portanto, também é expressão. Porém é uma expressão que transcende o meio visual e passa a ser expressão sensorial.

Hoje o papel do arquiteto é definido pela concessão de todo o espaço envolvente, na procura de dar respostas às necessidades da sociedade atual. Por isto são os arquitetos autores de projetos de maior dimensão ou importantes para a arquitetura que mais se destacam. Ainda assim, o arquiteto é apto para trabalhar em outras áreas “vizinhas” das artes, contendo características que assim o permitam.

É comum a arquitetura ser considerada a “mãe” das artes, porque a formação do arquiteto o incentiva a ser uma pessoa dotada de várias características pessoais e técnicas estimuladas durante todo o curso para que ele se capacite a escolher um entre os vários caminhos oferecidos pela arquitetura, como o da arquitetura cenográfica, por exemplo.

Por ser interpretação e elaboração de um espaço, a cenografia tem essa grande ligação com a arquitetura e com os arquitetos. Daí a necessidade de técnicos especializados nessa área. Porém, atualmente, ao pesquisar nos currículos de diversas universidades brasileiras, quase nenhuma possui disciplinas voltadas para elaboração de cenários e cenografia. As diretrizes curriculares nacionais para o curso de Arquitetura e Urbanismo elaboradas e exigidas pelo Ministério da Educação do Brasil, não institui para seu projeto pedagógico a disciplina de Cenografia (BRASIL, 2006). Supõe-se que isso aconteça devido a grande número de possibilidades profissionais disponibilizados pela formação, embora seja importante alertar para as mudanças que têm acontecido no mercado em reação a este segmento.

Os cenários têm exigido cada vez mais tecnologia, habilidades e conhecimentos mais sofisticados de softwares e hardwares, exigindo sempre mais o domínio do mundo digital e, tanto quanto se tem conhecimento, os cursos que abordam esta área ainda são escassos.

Entre os arquitetos brasileiros que trabalham com cenografia temos o fortalezense José Liberal de Castro, fundador da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, que planejou inúmeros cenários para teatro, além de ser autor de vários projetos que o colocaram entre os melhores arquitetos no Brasil. Entre os seus trabalhos consagrados estão o projeto de tombamento do Teatro José de Alencar pelo Patrimônio Histórico Nacional e o projeto de restauro do Teatro São João em Sobral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, com esse trabalho, que a arquitetura cenográfica une a arquitetura e a cenografia a fim de criar ambientes que encantem os espectadores, retratando cenas lúdicas e fascinantes onde há a interação de cena e público.

Consolidada como linguagem artística cuja mensagem expressiva vai ao encontro das mais variadas plateias, a cenografia foi reconhecida como importante ferramenta na ativação dos processos comunicativos da cultura de consumo.

É uma especialização na qual o arquiteto pode ingressar e se diferenciar no mercado, pois sua importância é grande nesse meio, já que a arquitetura cenográfica vai muito além da decoração de ambientes.

Como a arquitetura cenográfica ainda é pouco discutida, é importante aprofundar seu conhecimento nos cursos de arquitetura, por ela ser uma forma de construção do espaço arquitetônico em contínua expansão que tende a abrir grande espaço no mercado de trabalho.

Confirma-se que a partir de uma abordagem mais profunda sobre a arquitetura cenográfica nos cursos de arquitetura, se ampliará o nível de conhecimento dos arquitetos levando-os a se interessarem e se especializarem mais na área, além de torna-la mais conhecida e valorizada no mercado.

É compreensível, portanto, que sob este prisma a cenografia com suas qualidades de representação da realidade e do sonho, seja reconhecida enquanto ferramenta comunicativa para uma sociedade habituada ao consumo dos bens, materiais e simbólicos, seja ela de produtos, de conceitos, de lazer e cultura ou ainda, de estados de prazer.

REFERÊNCIAS

COHEN, Dominique Raquel. **Cenografia além do teatro**. São Paulo 2007.

HAMBURGER, Vera. **Arte em cena: Direção de Arte no cinema Brasileiro**. 1ª edição, Editora Senac São Paulo, 2014.

MANTOVANI, Anna, **Cenografia**. Editora Ática S.A São Paulo, 1989.

VIVADecora. **A arte de construir emoções através da arquitetura cenográfica**. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-cenografica/>. Acesso em: 08 de mai. 2020.

LEMOS, Carlos. **O que é Arquitetura**. Editora Brasilienses - Coleção Primeiros Passos - São Paulo, 1980.